

# S. GON ÇALO 3<sup>o</sup> D LAGOS



BE 2.3 S. GONÇALO

6866



27-36  
ANT



Agrupamento de Escolas  
S. Gonçalo



Torres Vedras

## S. Gonçalo de Lagos

[autor] Vitória Baltazar Antunes  
[ilustrador] José António Santana  
[projecto gráfico] Olga Moreira  
[edição] Município de Torres Vedras  
Agrupamento de Escolas de S. Gonçalo. Biblioteca Escolar  
GRAFIVEDRAS - Artes Gráficas Lda.  
[impressão]  
[depósito Legal n.º 328579/11  
[ISBN 978-989-8398-06-2]  
[tiragem] 1 000 exemplares  
[1.ª Edição] Dezembro 2010

Torres Vedras, Dezembro 2010,  
no 650.º aniversário do nascimento de Gonçalo, em Lagos

### catalogação

ANTUNES, Vitória Baltazar, 1960 -

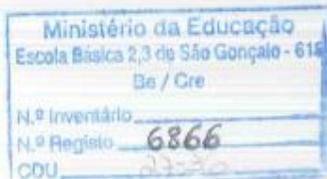
S. Gonçalo de Lagos / Vitória Baltazar Antunes  
.- Torres Vedras : Município ; Agrupamento de Escolas de S. Gonçalo, 2010. - 36p. : Il. ; 26 cm  
DSU  
929Lagos, Gonçalo de, Santo  
94(469.41TORRES VEDRAS) "13/20"

# S. GONÇALO DE LAGOS

ΠΑΤΡΟΝΟ  
ΔΑ ΕΣΧΟΛΑ  
ΔΕ Σ. ΓΟΝÇΑΛΟ  
ΤΟΡΡΕΣ ΒΕΔΡΑΣ



BE/CRE





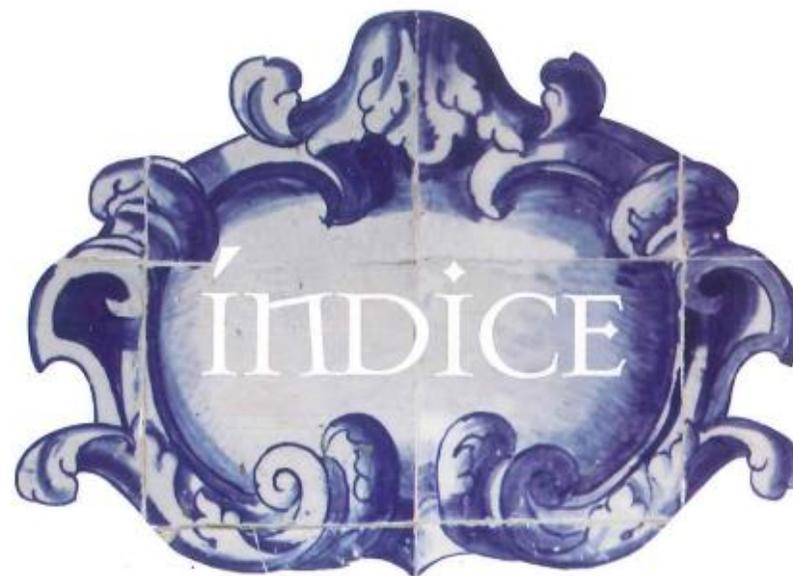
## UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA

Quando se completam 650 anos sobre a, geralmente considerada, data de nascimento e nos preparamos para comemorar o 6.º centenário da sua entrada como prior do Convento de Nossa Senhora da Graça, a Câmara Municipal de Torres Vedras decidiu publicar esta brochura acerca do padroeiro da cidade, em que se dá a conhecer um pouco melhor as várias facetas de S. Gonçalo, como homem, orador, pedagogo, escritor e artista, para além, natural e fundamentalmente, de religioso.

Trata-se de uma obra que fazia falta à bibliografia torriense, atendendo não só à personalidade de S. Gonçalo como ao facto de, ao longo dos séculos, ter sido alvo da veneração e religiosidade dos torrienses, e também porque se entendeu necessário dar a conhecer a vida deste ilustre torriense por adopção, sob um ponto de vista mais abrangente, quer da sua personalidade quer junto de sectores menos atentos ao fenómeno religioso.

Interpretando este sentimento de largo espectro da sociedade local, a autarquia decidiu, desde 2006, iniciar as Festas da Cidade no dia 27 de Outubro, tradicionalmente dedicado a homenagear o patrono da cidade, dando-lhe a solenidade institucional que a figura de S. Gonçalo merece. Por outro lado, a geminação, em 2009, com Lagos, a cidade natal de S. Gonçalo, constitui, igualmente, um sinal do empenhamento e respeito da autarquia por este ilustre português. Já anteriormente, em 1986, a Escola Preparatória n.º 2 de Torres Vedras, adoptou o nome do Santo para a sua designação, sob proposta da própria escola e aprovação unânime da Câmara.

A outros caberá analisar as virtudes de S. Gonçalo. Ao Presidente da Câmara cabe expressar aqui a sua satisfação por esta edição, com a convicção de que corresponde à vontade da generalidade dos torrienses, fazendo parte, a partir de agora, do precioso espólio da Câmara Municipal.



8 **INTRODUÇÃO**

10 **REFERÊNCIAS HAGIOGRÁFICAS  
E CRONÍSTICAS**

13 **GOIÇALO DE LAGOS**

O HOMEM

O FRADE E PRIOR

O TEÓLOGO

O ORADOR

O PEDAGOGO

O ESCRITOR E ARTISTA

17 **S. GOIÇALO**

DO CULTO À CANONIZAÇÃO

25 **O PATRÃO**

UM PERCURSO DE IDENTIDADE

28 **CRONOLOGIA**

# INTRODUÇÃO

**GONÇALO DE LAGOS**, proveniente do Algarve, tornou-se Frade, alcançou notoriedade em Lisboa e em Torres Vedras. Destacou-se na sua ordem religiosa a ponto de alcançar a Beatificação. Foi eternizado no Calendário Religioso e no nome de Ruas. É Patrono das cidades de Torres Vedras e de Lagos, dos Pescadores e de uma Escola.

› O que o tornou uma personagem histórica?

› A memória que persiste corresponde à vida e acção do Prior dos Agostinhos ou representa uma imagem que se foi definindo como identidade religiosa e histórica?

A "biografia" de S. Gonçalo de Lagos foi elaborada ao longo dos tempos, baseada na tradição oral, na *vox populi*, na literatura hagiográfica (história da vida dos santos) e nas crónicas da ordem de Santo Agostinho. Estas obras perseguiram intuítos de engrandecimento do Frade e Prior e, através da sua acção, da valorização da Ordem dos Agostinhos.

Guiados pela devoção, os "biógrafos" gonçalinos, dos séculos XVI a XVIII, não apresentavam os critérios metodológicos dos historiadores, rodearam-se de **provas de autenticidade**, melhor dizendo, de credibilidade, no sentido do objectivo que pretendiam - a justificação da beatificação.

Temos de entender a "história" da vida de Gonçalo de Lagos e a atribuição da designação de "Santo", mesmo antes da aprovação da beatificação, como uma representação simbólica que acompanha as mentalidades, ou seja, as épocas que o foram caracterizando, caracterizando-se a elas mesmas.

À historiografia actual cumpre entender a "construção" da imagem de Gonçalo de Lagos como personagem da história religiosa e cultural da época que o viu nascer e dos tempos que o foram "inventando", sendo que a falta de métodos científicos é compensada com a riqueza de elementos reveladores do sentir colectivo que se serve dos santos como agentes de aperfeiçoamento.

Foi o que pretendemos neste pequeno estudo, em que apresentamos a figura de Gonçalo de Lagos - Frade, Prior, Santo - a partir dos seus "hagiografos" e cronistas dos Eremitas de Santo Agostinho, e sob orientação da exaustiva investigação de Jorge Gonçalves Guimarães - **São Gonçalo de Lagos: Hagiografia, Culto e Memória, Século XVI/XVIII**<sup>(1)</sup>.

Sentimos a necessidade de acompanhar o percurso do homem e do santo com o contexto histórico e religioso a ele associado. Assim, e particularmente à luz da história nacional e local, tentámos entender o aparecimento e crescimento dos eremitas de Santo Agostinho, Ordem a que pertencia S. Gonçalo. Para este enquadramento muito contribuiu o estudo realizado por Paula Correia da Silva - **O Convento da Graça de Torres Vedras: a comunidade eremítica e o património**<sup>(2)</sup>.

(1) Jorge Gonçalves Guimarães - São Gonçalo de Lagos: Hagiografia, Culto e Memória, Séc. XVI/XVIII, Torres Vedras: Câmara Municipal, 2004.

(2) Paula Correia da Silva - O Convento da Graça de Torres Vedras: a comunidade eremítica e o património, Lisboa: Livro do Dia Editores, 2007.

R E F E

R Ê N C I A S

H A G I O

G R Á F I C A S

E C R O N Í S

T I C A S



PARA ENTENDER QUEM FOI GONÇALO DE LAGOS TEMOS DE SEGUIR AS MEMÓRIAS HAGIOGRÁFICAS E A CRONÍSTICA DOS SÉCULOS XVI A XVIII. INDICAMOS A SEGUIR, DE ACORDO COM A INVESTIGAÇÃO DE JORGE GONÇALVES GUIMARÃES (2004), OS PRINCIPAIS "AUTORES" DA FIGURA DE S. GONÇALO, QUE NOS PERMITEM EXPLICAR A CONSTRUÇÃO DA SUA PERSONALIDADE.

AUTORES DAS  
PRIMEIRAS OBRAS  
ONDE SURGEM  
REFERÊNCIAS

AO BEATO E BEM

AVENTURADO PADRE FREI  
GONÇALO (CHAMADO DE  
LAGOS)

ALFONSO OROZCO, *Chronica del glorioso padre y doctor de la yglesia sant Augustin: y de los sanctos y beatos: y de los doctores de su ordem. Nuevamente ordenada por un padre de la misma ordem*, Sevilha, en Casa del Maestro Gregório dela Torre, 1551.

FREI JOÃO DE S. JOSÉ, *Corografia do Reyno do Algarve dividida em quatro livros para mor declaração da obra. Eserita pello R. P. Fr. João de São Jozé da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho da Prouíncia de Portugal no anno de 1557.*

AUTORES DOS  
PRIMEIROS ESTUDOS  
HAGIOGRÁFICOS

FREI JERÓNIMO DE RÓMAN, *Chronica de la orden de los Ermitanos del Glorioso Padre Sancto Agostinho, Dividida en Doze Centurias*, Salamanca, Casa de Ioan Baptista de Terra Noua, 1569.

JOÃO DE FRANÇA DE BRITO, não sendo elemento do clero pertenceria à nobreza local. Interessado na divulgação do culto gonçalino, terá escrito (ou sido o escrivão), provavelmente entre 1585 e 1588, o primeiro texto hagiográfico significativo acerca da vida de S. Gonçalo cujo traslado integra o *Processo da Fama e Santidade Virtudes, e Milagres do Servo de Deos Fr. Gonçalo de Lagos da Ordem de S.to Agostinho* - Arquivo Secreto do Vaticano, Cong. Riti, Processus n.º 3335.

PRINCIPAIS  
HAGIOGRAFOS  
GONÇALINOS

FREI ALEIXO DE MENEZES

• Códice n.º 436 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (não se tem a certeza de ser o documento original).

• Códice n.º 112 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: *Treslado Da Portentosa Vida de São Gonçalo de Lagos da Ordem de Santo Agostinho da Provincia de Portugal. Eserita pelo Ex.mo. e R.mo Ssr. Arcebispo Primaz do Oriente e das Hespanhas Dom Fr. Aleixo de Menezes da mesma Ordem de Santo Agostinho de Portugal. No Anno de 1604.*

FREI ANTÓNIO DA PURIFICAÇÃO

• *Chronologia Monástica Lusitana, in qua omnes Santi, & Beati ac etiam venerabilis Personae Regulares, quae in Lusitaniae Regnis, eiusque Diuinibus natae, aut sepultae esse perhibentur quod fieri potuit fidelissime, ac breuissime referantur*, Lisboa, Ex Officina Laurentii de Anvers, 1642.

• *Chronica da Antiquíssima Prouíncia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho de Hipponia, & Principal Doutor da*

*Igreja*, vol. I, Lisboa, Manuel da Silva, 1642, vol. II, Lisboa, Domingos Lopes Roza, 1656.

Estes dois últimos clérigos, Frei Aleixo de Menezes e Frei António da Purificação, foram figuras muito importantes da Ordem de Santo Agostinho. As suas obras literárias constituem uma súpula de testemunhos orais e escritos num esforço de interpretação histórica, de acordo com os objectivos da cultura monástica. Os acontecimentos que se prendem com a Ordem e com os seus elementos são relatados com intuídos edificadores, tudo é visto e justificado à imagem de Deus.

Destacam-se Frei Manuel Figueiredo e Frei Pedro de Souza com contributos relevantes para o processo de beatificação:

✦ FREI MANUEL DE FIGUEIREDO, *Ecco da Santidade, continuado no immemorial culto do Beato Gonçalo de Lagos da Ordem de Santo Agostinho da Provincia de Portugal*, Lisboa, na Offic. de Ignacio Nogueira Xisto, 1765.

✦ FREI PEDRO DE SOUZA, *Compêndio da Prodigiosa Vida, Exemplos Virtudes, e Portentosos Milagres do Proto-Santo de todo o Reino do Algarve, e novo Thaumaturgo de Portugal, o Glorioso S. Gonçalo de Lagos, da esclarecida Ordem do Grande Patriarca Santo Agostinho da antiquissima Província de Portugal. Do culto immemorial, e diligências para a sua Beatificação, e Canonização*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1778.

Apresentados que estão autores e obras, permitimo-nos referir, de seguida, somente os nomes destes escritores, para maior facilidade de leitura.

# GONÇALO DE LAGOS

## O HO MEM

Gonçalo terá nascido, em Lagos, por volta de 1360.

Não se encontrou nenhum documento que confirme a data. Frei António da Purificação, no *Processo de Fama e Santidade*, refere esse ano, mas de forma imprecisa ("peços anos de...").

O patronímico revela a proveniência lacobricense. Frei Pedro de Sousa indica a igreja de Santa Maria como local onde terá sido baptizado e a rua de Santa Bárbara onde terá vivido, embora sem provas documentais.

Atendendo à localização de Lagos é muito provável que a sua família estivesse ligada à actividade piscatória.

Os seus "biógrafos" enumeram as qualidades morais, resultantes de uma educação exemplar: humilde, bondoso, justo, prudente, terno ... Por volta dos vinte anos, em 1380, aquando de uma deslocação a Lisboa, tomou contacto com a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho do Convento de Nossa Senhora da Graça. Não sabemos se já tinha conhecimento da Ordem dos Agostinhos.

A viagem à capital terá mudado a sua vida: abandonou a família, o local de origem, as lides da pesca e ingressou na Ordem dos Agostinhos, atraído certamente pelo seu "modus vivendi" de oração e estudo.

A formação que recebeu no seio familiar tê-lo-á moldado para assim viver a sua religiosidade, apesar de não se saber ao certo como foi catequizado ou que ensinamentos literários recebeu na vila algarvia.

Vivendo em comunidade religiosa terá tido tarefas diversificadas e acumulado funções, como era necessário para o efectivo funcionamento dos conventos. Era também normal a mobilidade dos frades, justificada por razões que se prendem com a evangelização e assistência às populações, com as características e conhecimentos dos religiosos e com as decisões dos superiores.

## O FRADE E PRIOR

O dia a dia dentro dos cenóbios era supervisionado pelo Prior, cargo superior dessa hierarquia. Desconhece-se a forma de selecção destes religiosos, no entanto, desempenhariam esse cargo mudando sempre de convento (3).

Pelo que foi dito, não é de estranhar que em 1394 Gonçalo de Lagos esteja no convento de S. Lourenço, na Lourinhã, assumindo as funções de Prior. Aí terá permanecido até 1396. Segundo Frei António da Purificação, durante esse priorado as propriedades do convento foram aumentadas.

Em 1404, encontra-se de novo na capital, no cargo de Prior da casa mãe, Nossa Senhora da Graça. Esta presença é confirmada pelo **único documento contemporâneo do Frade que terá perdurado até nós**, um contrato de empraçamento, com a data de 21 de Maio de 1404:

"Empraçamento que faz este Convento a Diogo Lopez moedeiro e sua molher Leonor Gomez [...] de huas casas mui danificadas na freguesia de S. Vicente, por hua dobra Castelan cruzada d'ouro. Sendo Provincial Fr. Lourenço, e Prior Fr. Gonçalo de Lagos..."<sup>(4)</sup>

Qualquer estudioso de Frei Gonçalo de Lagos tem aqui a prova basilar da existência do homem e do religioso. E pode-se ainda comprovar a sua efectiva importância, porque para ingressar na ordem de Santo Agostinho, os noviços, para além do amor espiritual e dos votos de pobreza (não nos esqueçamos que se trata de uma ordem considerada mendicante) deviam ser exemplo de pureza, piedade, humildade, sabedoria, castidade, obediência, caridade e espírito de partilha. Estas virtudes tinham permitido ao Frade de Lagos ascender a Prior. Numa época de afirmação do Vicariato Português, com as competências de uma administração de Província e ambicionando esse título, a escolha do Prior da "Sede Provincial" deveria revestir-se de enormes cuidados. Daí que possamos depreender que Frei Gonçalo possuía, igualmente, as qualidades que o cargo exigia - aptidões políticas e diplomáticas.

Em 1408, assume novamente um Priorado, mas desta vez em Santarém. Frei António da Purificação e Frei Aleixo de Menezes, seus principais biógrafos, referem novamente as suas capacidades de administrador do património da ordem, noticiando a aquisição de uma herdade (da Ocharia), em 1409. O aumento da área territorial, um ano após ter tomado posse do convento, é revelador da sua gestão com vista ao crescimento dos frades agostinhos nessa região.

Finalmente, em 1412, Gonçalo de Lagos torna-se Prior do Convento de Nossa Senhora da Graça, da vila de Torres Vedras. Às virtudes que o distinguiam tinha-se associado a sabedoria da experiência. Nessa altura, provavelmente com cinquenta e dois anos, tendo acumulado várias funções (como era norma entre os monges agostinhos) com três priorados, possuiria uma cultura superior.

É neste período que os hagiógrafos se detêm em pormenores da sua dedicação pastoral: teólogo, orador, pedagogo, escritor, artista. Sem, no entanto, apresentarem documentos coevos que confirmem essas descrições.

(3) Paula Correia da Silva, *op. cit.*, p.44.

(4) A.N.T.T., Livro 1 do Convento de N. Sr. da Graça de Lisboa, t.162x, fonte manuscrita citada por Jorge G. Guimarães, *op. cit.*, p.86.



## O TEÓLOGO

Os alegados estudos de grau superior revelariam a sua passagem pelos Estudos Gerais em Lisboa. Os conhecimentos que possa ter adquirido no campo das Letras e das Artes terão elucidado as reflexões e leituras que faziam parte da conduta regular do frade agostinho.

Para Santo Agostinho o homem corresponde a uma alma racional que se deve servir do corpo, mortal e terrestre, para alcançar a fé. Essa fé ilumina e orienta a razão, e esta deve ajudar a esclarecer os conteúdos da fé - a revelação cristã. O santo de Hipona definiu assim o processo de conhecimento, sem traçar fronteiras entre a fé e a razão. Gonçalo de Lagos possuiria, por isso, as virtudes teológicas dignas do Patrono da Ordem.

## O ORADOR

Num quotidiano de oração e estudo e no contacto com a população, dos mais diversos estratos sociais, o Frade e Prior algarvio desenvolveu certamente a oratória. Os autores referem a eloquência com que pregava e o dom de cativar a população:

"E considerando consigo como poderia fazer isto com mais proveito e mais pessoas, inventou uma maneira de pregação ao povo de Torres Vedras, onde estava por Prior, tanto mais proveitosa quanto era mais continua e mais familiar aos que dela tinham necessidade. A qual era pôr-se todos os dias de serviço, desde acabado de cantar Completas no Coro, antes do sol posto, até uma hora da noite, assentado à porta da Igreja do Mosteiro velho, que estava na estrada mais corrente de serventia da Vila, e por onde passavam todos os trabalhadores que vinham dos seus serviços e ocupações, ou que por outra ocasião, se vinham recolher ao lugar, e ali chamava aos que passavam e os admoestava com grande afecto e caridade.

E por esta razão, se ajuntavam tantos, cada dia, a ouvir a sua doutrina que ficava sendo um grande concurso de gente e a pregação muito proveitosa, e com isto trazia todo aquele povo, em especial a gente de serviço e plebeia. Ali o achavam sempre àquela hora os aflitos e atribulados para os consolar; os necessitados e pobres para lhes acudir em suas necessidades, porque a todos remediava como podia." <sup>(5)</sup>

(5) P. Hipólito Martínez, *O.S.A. - São Gonçalo de Lagos*, Braga: Editorial A.O., 1992, p.34 (citando Frei António da Purificação).

É também apresentado como um Frade educador, realçando a originalidade e sedução do seu método de ensino:

"Deste ardente desejo que tinha de salvação das almas lhe nascia também andar ajuntando os meninos pelas ruas, para lhes ensinar a doutrina cristã. E, como para aquela idade pueril, todas as coisas do sizo são desgostosas, para que não fugissem dele, trazia as mangas

## O PEDAGOGO

cheias de pedaços de pão e de fruta, de verónicas, contos e registos de Santos, que ele mesmo, como escrivão que era, de livros, debuxava e iluminava para este fim.

Com estas e outras prendas, que os meninos estimavam, os atraía a si, de maneira que lhe eram todos tão familiares que o não viam na rua, sem que se fossem logo a ele apalpar-lhe as mangas, a ver o que lhes trazia. E, muitas vezes, se ajuntavam a brincar com ele, como se fosse outro da sua idade. O que tudo consentia o servo de Deus com grande alegria, sofrendo todas essas meninices aos meninos, guardando a doutrina do apóstolo que diz de si que todas as coisas se fazia com todos para que assim aproveitassem a todos.<sup>100</sup>

(100) P. Hipólito Martins, *ob.cit.*  
p.34 e 35 (citando Frei António da  
Purificação).

## ◉ ESCRITOR E ARTISTA

Existem referências cronísticas aos dotes da escrita de Frei Gonçalo que o designam como "escrivão de livros". É também mencionado um tema da escrita – livros de coro – sem que, no entanto, até hoje se tenha encontrado

qualquer texto da sua autoria.

Os principais biógrafos elogiam-lhe igualmente as qualidades artísticas, uma vez que desenhava e iluminava os livros, qual monge copista, e aproveitava os retalhos de pergaminhos que lhe sobravam para transmitir os ensinamentos cristãos.

Mas os afazeres intelectuais não o isentavam das tarefas de ordem material. O desempenho dos trabalhos de porteiro, carpinteiro, cozinheiro, enfermeiro (e, como já referimos, de administrador dos interesses dos eremitas agostinhos) permitir-lhe-iam, tal como tinha escrito Agostinho de Hipona, usar a razão inferior, a que tem por objecto o conhecimento da realidade sensível e mutável – a ciência do conhecimento que cobre as nossas necessidades. Desta maneira, elevar-se-ia à razão superior, a que tem por objecto a sabedoria, ou seja, o conhecimento das ideias, do inteligível, da iluminação de Deus – da "Cidade de Deus" de Santo Agostinho.

Até 1422, ano provável do seu falecimento, Gonçalo de Lagos dirigiu os monges graçianos de Torres Vedras, na oração e na vida comunitária, estudando e ensinando, dando assistência e pedindo esmola.

Dizem-nos os cronistas que a morte do Prior, a 15 de Outubro de 1422, originou grande consternação. A população, numa tentativa de conservar dele alguma memória material, terá solicitado, de imediato, os pertences do bondoso agostinho.

# S. GON ÇALO



## DO CULTO À CANONIZAÇÃO



A religiosidade cristaliza-se em imagens. Manter a imagem do Frade passaria a constituir acto de devoção e quem com ele convivera sentir-se-ia para sempre ligado a algo superior.

A transcendência depende da imanência. Gonçalo de Lagos tinha atingido a eternidade, já vivia na "Cidade de Deus", a admiração que tinha provocado a sua santa vida terrena passa então à idolatria.

Os seus irmãos do convento associam-se a esta veneração, não ocupam a sua cela e separam a sua sepultura da dos outros elementos da ordem. Frei António da Purificação localiza-a no chão da capela-mor da Igreja do convento, do lado do Evangelho.

Estava aberto o caminho para as manifestações de fé profunda e ingénua que queriam manter a familiaridade com o que consideravam sagrado: peregrinações, procissões, romarias, visitas importantes, sermões, num devoto culto das relíquias.

A capela funerária do ilustre Prior torna-se o centro de todas as demonstrações desta admiração metafísica. Tudo o que estava relacionado com Gonçalo de Lagos arrebatava as emoções. Por isso, tocar no túmulo ou na terra da sepultura, por mais objecto que fosse, tornava-se aceitável, mesmo libertador, dada a concepção simbólica.

As "maravilhas" ou milagres fazem parte da linguagem do simbólico. Numa realidade adversa e cruel esses sinais constituíam o alívio e o estímulo necessários para suportar a vida terrena.

O mundo medieval era profundamente marcado pelos contrastes económico-sociais com evidente tradução antropológica: guerra/paz, miséria/riqueza, doença/saúde, trevas/luz, frio/calor, carne/abstinência, pecado/castidade. A religião sublimava essas diferenças, mais do que procurar as razões, via todas as coisas em Deus, e em Deus nada era vazio de sentido. Sem métodos científicos, as deduções abstractas davam aos homens da Idade Média significados superiores - a razão ao serviço da fé, como em Santo Agostinho. Os mosteiros proporcionavam o equilíbrio espiritual e os frades serviam a redenção colectiva, estabelecendo a harmonia entre a terra e o céu.

Com a morte física do Homem, do Frade e Prior sobrevivia a Santidade - São Gonçalo.

Desde a centúria de duzentos que a origem popular dos milagres, *vox populi*, vinha sendo apropriada pelo controlo eclesial do sagrado, como documentam os processos de santidade.

Do século XV ao século XVIII, são atribuídos a São Gonçalo de Lagos muitos milagres e algumas aparições:

"Assim, neste conjunto de textos hagiográficos e documentos processuais regista-se um total redondo de 40 milagres e maravilhas situados cronologicamente entre o último terço do século XV e meados do XVII. Destes milagres, uma parte considerável (22) está associada directamente ao culto das relíquias gonçalinas. Em menor número, encontrámos dez que se relacionam com a invocação do santo, quatro com a sua aparição e ainda alguns outros de mais difícil tipificação."<sup>19</sup>

Ainda em vida, à semelhança de Cristo e de outros santos, Frei Gonçalo terá mesmo sido responsável por *uma multiplicação dos peixes*. Os seus biógrafos contam que após ter dado aos pobres vários pedaços de atum das salgas do pai, este não encontrou nenhuma falta.

Depois da morte, o culto das suas relíquias, incluindo a terra do túmulo, constituirá a intercessão para a obtenção de graças. A maior parte dos milagres atendem a problemas físicos, de entre as várias doenças, salientamos: cegueira, perda de audição, paralisias, feridas por sarar. Outra

especialização do santo era acorrer aos socialmente mais necessitados, pobres e idosos. Mas, o antigo pescador algarvio, terá igualmente acudido aos homens do mar, pescadores e navegadores.

As curas acontecem com visitas ao túmulo, manuseamento da terra do sepulcro, invocação do santo, novenas, missas, ofertas, romarias.

A localização geográfica dos milagres acompanha o percurso do frade agostinho: o Algarve, Lisboa e o seu termo, Torres Vedras e o seu termo.

As benfeitorias do humilde frade eram procuradas por todos os grupos sociais, dos mais modestos à nobreza e até à família real.

Apresentamos de seguida alguns exemplos elucidativos:

• A salvação de um seu sobrinho, que de Lagos se dirigia a Lisboa numa caravela, foi o único sobrevivente, o que invocou o "Tio Santo"-1437?(milagre autenticado em 1510);

• Algarvios, em apuros no mar que terão solicitado a ajuda do santo seu conterrâneo, e assim se salvaram - 1489;

• João Anes, residente no termo de Lisboa, curou-se de uma paralisia depois da sua esposa ter visitado em romaria a sepultura do monge agostinho e dela ter recolhido terra (milagre autenticado em 1480);

• A mesma graça teve Leonor Fernandes, moradora em Aldela Galega da Merceana, entrevada de pernas e braços e sem esperança de cura pela medicina dos homens (milagre autenticado em 1489);

• Pedro Santiago, residente em Azambuja, pediu a intercessão de S. Gonçalo por se encontrar cego, tendo recuperado a visão ao entrar na Igreja de Nossa Senhora da Graça (milagre autenticado em 1490);

• Catarina Lopes, moradora na Carvoeira, curou uma doença de um braço após o ter introduzido no buraco do sepulcro do Santo (milagre autenticado em 1489).

Jorge Gonçalves Guimarães, que realizou o estudo exaustivo dos milagres, fez a interpretação que passamos a citar:

"Trata-se de uma colecção de milagres dirigida directamente a interferir em males corporais, sobrepunhando a medicina e as culturas medicinais epocais para oferecer um auxílio súbito, inesperado por vezes, preparado noutros, mas sempre absolutamente eficaz, estendendo-se do parto aos acidentes de caça, passando pelas pandemias e doenças colectivas. Por isso, é frequentemente o próprio médico a apontar o milagre da intercessão de S. Gonçalo de Lagos como a única possibilidade de cura, sugestão que, não deixando de recordar as fronteiras porosas epocais entre ciência e superstição, revela a preocupação dos relatos milagrosos em fornecer argumentos de autoridade 'científica' firmando a verdade da cura milagrosa e, conseqüentemente, a santidade do frade agostinho.

Esta colecção de milagres permite também destacar a especialização cultural de S. Gonçalo de Lagos. É a terra do sepulcro do santo que, guardada numa campa feita em pedra especial-



mente em 1518, especializa a principal relíquia que se manipula para curar. Metida nos ouvidos, utilizada em qualquer parte doente do corpo, simples ou envolta em papel, a terra sacral do sepulcro gonçalino tudo cura, mesmo às portas da morte.\*<sup>90</sup>

Nos anos de 1489 e 1490, Frei Leonel, Prior do Convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras, muito terá pugnado pela autenticação dos milagres atribuídos ao Frade-Prior da sua ordem e do seu convento. Foram redigidos *instrumentos* (documentos demonstrativos) que nos dão conta dos milagres realizados até ao início do século XVI.

Desde 1476, existia a Província Portuguesa<sup>91</sup>, significando que os religiosos agostinhos tinham aumentado em número e em importância. A afirmação nacional de várias instituições religiosas tinha sido paralela à emancipação política iniciada com a Dinastia de Avis. Assim, o reconhecimento da santidade de Gonçalo de Lagos dava relevo nacional a um culto local, para além de promover a ordem mendicante dos Eremitas de Santo Agostinho relativamente aos franciscanos do Varatojo e mesmo em relação a outros conventos agostinhos. Os textos hagiográficos informam que os nobres da vila terão mesmo criado uma confraria para promover uma festa e feira anuais em honra de Frei Gonçalo, mas nenhum outro documento corrobora esta informação.

Em 1492, ter-se-á realizado a primeira trasladação das relíquias do bem aventurado frade para um cofre colocado sob um arco construído na capela-mor do convento, permitindo um espaço mais dignificado e mais amplo.

Na versão do cronista António da Purificação, D. João II e D. Leonor seriam devotos de S. Gonçalo. Reconhecendo o mérito do referido frade, o "Príncipe Perfeito" teria enviado, a 26 de Setembro de 1495, uma carta para a Câmara de Torres Vedras louvando-a por ser detentora de tão importantes relíquias. Na sequência de tal elogio, o Senado da Câmara teria eleito o venerado agostinho Padroeiro da Vila, decisão tomada a 13 de Outubro de 1495.

À primeira leitura estranhámos a celeridade da deliberação, sobretudo porque a missiva real teria sido enviada do Algarve. Para além disso, os investigadores mais recentes revelaram que os documentos da chancelaria respeitantes aos dois últimos anos desse reinado desapareceram, o rei só terá chegado ao Algarve em meados de Outubro, não se encontrando testemunhos da devoção de D. João II ou da rainha a S. Gonçalo e a carta régia *desapareceu*. Este último mistério pode, no entanto, ser explicado pela ocorrência em 1744 de um incêndio no Arquivo Municipal.

Nos Registos do Senado da Câmara (livros 20 e 22) encontra-se a transcrição de uma certidão, datada de 20 de Outubro de 1495, da decisão do Senado proclamar S. Gonçalo de Lagos Padroeiro e Protector da Vila de Torres Vedras e seu Termo. Este e outros documentos, datados do século XVIII e incluídos no processo de beatificação, denunciam uma redacção setecentista a fundamentar os intuítos da santificação.

De acordo, com as informações do cronista da Ordem, Frei António da Purificação, a Câmara da Lagos terá pedido ao Senado Municipal de Torres Vedras uma relíquia do santo. A data da chegada da relíquia à sua terra natal situa-se entre 1502 e 1536, tendo sido colocada na Igreja de S. Pedro dos Mareantes. De seguida teve um percurso atribulado: mudança de instalações, mudança de proprietário, desaparecimento aquando do terramoto setecentista e posterior recuperação pelo Senado.

Daqui se conclui que também na vila algarvia o poder temporal interveio com vista à consubstancialização com o seu santo, envolvendo-se na sua fama de santidade.

Em 1518, na igreja do convento da Graça, junto ao cofre dos restos mortais, foi instalado um sepulcro de pedra, com a figura de Gonçalo de Lagos esculpida na tampa. Dentro encontrava-se a terra da sepultura à qual se podia aceder por um buraco. Assim se facilitava o contacto com a relíquia mediadora de graças.

No ano de 1544, os monges agostinhos recebem de D. João III a doação do hospital de Santo André para lá instalarem um convento maior. Contudo, as obras só ficaram concluídas na segunda metade do século XVI, por isso, foi preciso esperar por 1559 para trasladar o cofre das relíquias. E, só no ano de 1580, se instalou na nova igreja o sepulcro de pedra.

Em 1640, os dois receptáculos relicários são colocados na capela-mor. No mesmo local, em azulejo, é colocada a seguinte inscrição: "S. DO SANTO PADRE FREI GONÇALO DE LAGOS PRIOR QUE FOI DESTE CONVENTO QUE EM VIDA FLORESCEO EM VIRTUDES E NA MORTE RESPLANDECE EM MILAGRES".

Em período pós filipino, afirmava-se o culto local de um santo que se pretendia divulgar extra-fronteiras, porque era nacional, da ordem dos Eremitas devotos a Santo Agostinho. Estando desde o século XIV associados à difusão do culto a Nossa Senhora, estes frades eram também importantes restauradores duma identidade religiosa e política face aos vizinhos ibéricos.

Para a continuidade da devoção ter-se-ão congregado esforços do alto clero para que os religiosos grácianos e os grandes da vila incentivassem essas manifestações de fé.

O espaço religioso condigno estava assegurado e os legados pios providenciariam as despesas. Existem registos de dois legados a S. Gonçalo, ambos do século XVII: 1643, Maria Serrão Borges que oferece esmola para as diligências da beatificação e para posteriores gastos numa capela; 1648, Jacinto da Fonseca Moniz deixou em testamento o compromisso de pagamento, todos os sábados, das velas da capela onde se encontra o santo.<sup>92</sup>

Integrando o *Processo da Fama e Santidade Virtudes, e Milagres do Servo de Deus Fr. Gonçalo de Lagos da Ordem de S. to Agostinho...* (Arquivo Secreto do Vaticano, Cong. Riti, Processus n.º 3335), encontra-se o traslado da primeira peça hagiográfica sobre a vida de S. Gonçalo, atribuído a João de França de Brito, *notável* local que demonstrava assim interesse na divulgação do culto praticado no convento de Torres Vedras.

As hagiografias de Frei Aleixo de Menezes e de Frei António da Purificação filiam-se nessa primeira biografia. Estes dois últimos clérigos foram, como já referimos, figuras muito importantes da Ordem de Santo Agostinho.

Frei Aleixo de Menezes tem mesmo algumas afinidades eclesiais com Frei Gonçalo. Iniciou a sua vida religiosa no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa. Em 1588, no Capítulo de Lisboa, foi eleito prior do Convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras (1588-1590). A seguir foi prior em Santarém e em Lisboa. Em 1595 já era arcebispo de Goa. No ano de 1612 assumiu o arcebispado de Braga.

Em Torres Vedras, terá tomado conhecimento dos registos sobre Gonçalo de Lagos, aos quais associou a tradição oral na biografia que terá "escrito" do Oriente (note-se que escrevia cerca de cento e oitenta anos depois do desaparecimento do monge algarvio):

"Colgindo-as numa 'vida' que mais tarde, por escriba desconhecido, seria vazada no códice n.º 436 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. [...]

Ainda que não nos seja fornecida qualquer data, uma leitura mais atenta das últimas folhas do códice, permite situar a sua produção entre os anos de 1599 e 1609, inferindo-se, assim, que o original, dado ter sido escrito na Índia, poderá datar-se entre Setembro de 1595, altura em que o seu autor chegou àquele continente, e 1598." (II).

Frei António da Purificação, preocupado com a notoriedade da Ordem e da Província Portuguesa, desenvolveu um vasto trabalho escrito tentando recuperar o prestígio que detinham antes da dominação filipina.

Na sua *Chronica*, quando inicia a biografia de Frei Gonçalo, explica que se terá fundamentado em diversos autores da época: refere os testemunhos de autenticação dos milagres e episódios da vida do frade algarvio, do punho de João de França de Brito e de Frei Aleixo de Menezes; menciona também os arquivos, possivelmente referindo-se aos existentes no Cartório do Convento Agostinho de Torres Vedras (que desapareceram aquando da extinção das ordens religiosas na sequência da Revolução Liberal).

O principal biógrafo de S. Gonçalo alicerça a sua extensa obra nos vários registos indicados. Não conseguimos, contudo, esclarecer se a documentação existente na época constituía prova histórica suficiente. As vicissitudes por que passavam os documentos explicam o seu desaparecimento: empréstimos, concessões, roubos, mudanças, viagens, obras nos edifícios, problemas de conservação devidos, sobretudo, à humidade e às temperaturas desadequadas, desconhecimento da sua real importância ou até depreciação no decurso da expulsão da ordem.

Justificada a ausência desses indícios, fica-nos a dúvida:

- Quanto seria demonstrável?
- Quanto foi "inventado"?

No século XVIII, verificou-se algum esforço de divulgação iconográfica do santo. As imagens surgem nos locais associados à ordem e ao percurso gonçalino. Os atributos são o Crucifixo e a Bíblia, por vezes é também representado com um barco e mais raramente com uma capela, numa clara alusão à sua origem e à sua ordem.

É nesta altura que no convento agostinho de Torres Vedras as paredes da portaria, da sacristia e do claustro são revestidas de azulejos. Esses painéis azulejares narram acontecimentos da vida dos Eremitas de Santo Agostinho, nomeadamente do seu Santo Frade.

Não foram encontradas provas de diligências com vista à beatificação de Gonçalo de Lagos, anteriores ao século XVIII, apesar de alguns autores as mencionarem. Certo é que o *Processo* foi iniciado em 1759. Torres Vedras e Lagos reuniram esforços nesse sentido, apresentadas no seguintes documentos:

✦ *Processo da Fama de Santidade Virtudes, e Milagres do Servo de Deus Fr. Gonçalo de Lagos da Ordem de S.to Agostinho. Concluído por Autoridade Ordinária em o anno de 1760:*

✦ *Processo de Culto Immemorial dado ao Servo de Deus Fr. Gonçalo de Lagos da Ordem de S.to Agostinho. Concluído por Autoridade Ordinária em o anno de 1760:*



✦ *Processo da Fama de Santidade e Culto dado a hua Relíquia de São Gonçalo de Lagos da Ordem de Santo Agostinho feita nesta Cidade de Lagos Autoridade ordinária por Delegação do Ex.mo Snor. Arcebispo do Reyno do Algarve, No Anno de 1760.*

No ano de 1760, estava concluída a instrução dos processos, em Lisboa e no Algarve. Foi efectuada uma cópia autêntica de todos os documentos que resultou num total de mil oitocentas e setenta e seis páginas.

Analisando o conjunto documental que constitui os processos de canonização conseguimos acompanhar os procedimentos que exigiram uma pormenorizada descrição das relíquias. Para o efeito, os exames *in loco* congregaram cirurgiões e antiquários, um canteiro, um pedreiro e um pintor. Esta interdisciplinaridade permitiu, respectivamente, a identificação anatómica e histórica (pela observação dos materiais que envolviam a sepultura, pelos papéis que nomeavam Frei Gonçalo e pelas moedas de D. João III) e, simultaneamente, a elaboração de um desenho da capela de S. Gonçalo na igreja de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras.

No entanto, as relações político-diplomáticas com a Santa Sé atravessavam um período de conflito por causa das decisões do Marquês de Pombal relativamente aos Jesuítas, que ocasionaram mesmo a expulsão do núncio apostólico. Só passados dez anos, em 1770, a situação voltou à normalidade.

Em 1773, foi enviada para o Papa uma carta solicitando a canonização de Frei Gonçalo, justificando-a com o rigoroso estudo feito sobre a sua vida e os seus milagres e pela importância que a atribuição da santidade conferiria à Ordem dos Agostinhos. Enquanto o poder político frequentemente apontava o dedo crítico às instituições religiosas, pretendendo diminuir-lhes a importância económica, social e ideológica, o poder clerical tentava que a religiosidade mais fervorosa da população servisse de pilar contra os ímpetus iluministas.

A produção hagiográfica gonçalina continuava o seu labor, destacando-se nesta segunda metade de setecentos os trabalhos de Frei Manuel de Figueiredo, 1765, e de Frei Pedro de Sousa, 1778.

É precisamente este último autor que informa que a 16 de Julho de 1777 o Papa Pio VI autorizou a análise dos processos pela Sagrada Congregação dos Ritos. A sentença confirmativa aprovando a *Santidade* e o *Culto* foi assinada a 27 de Maio de 1778.

O convento da Graça de Lisboa terá celebrado o novo Beato durante três dias, com a presença da família real.

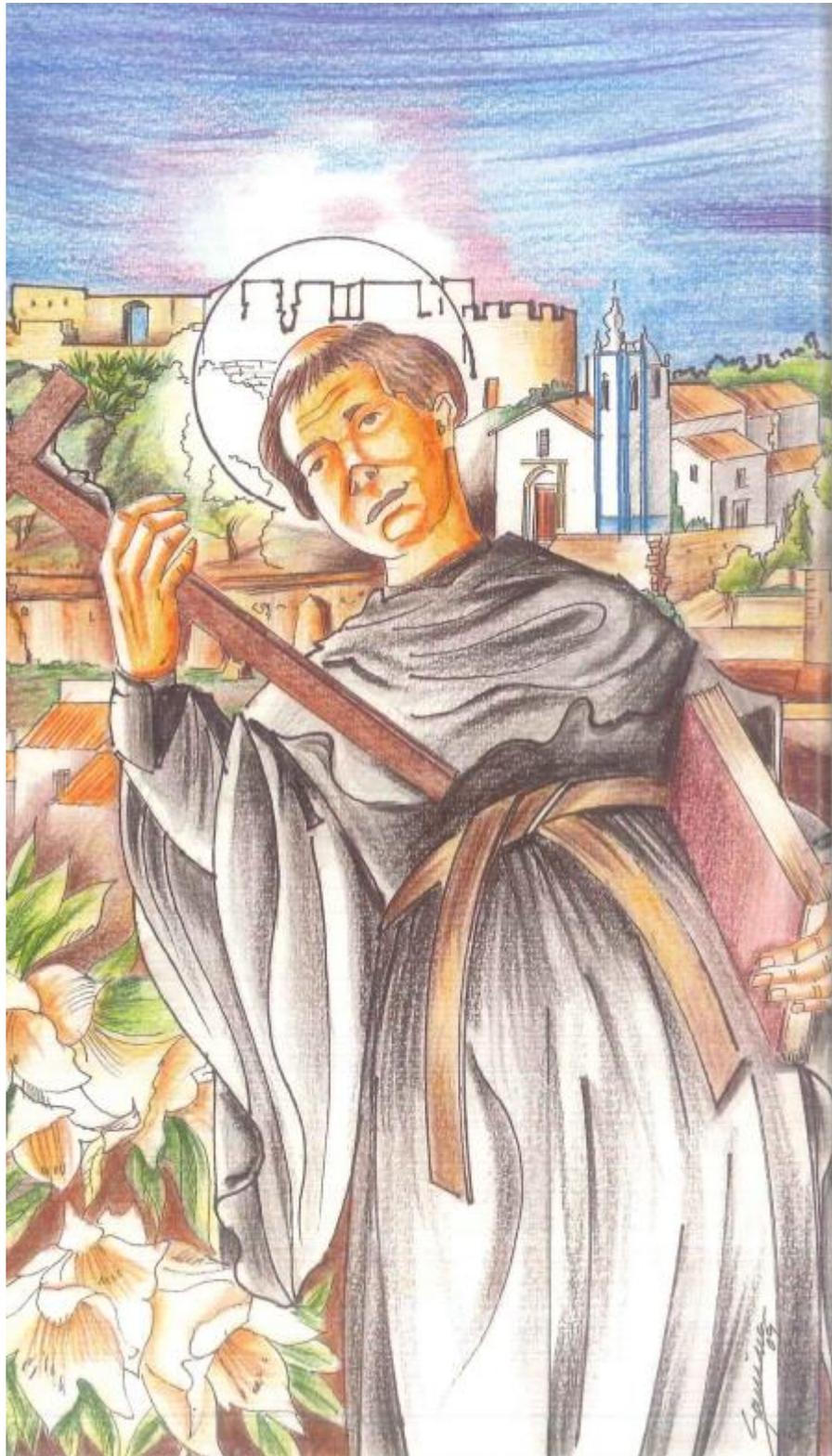
(7) Jorge Gonçalves Guimarães, *ob.cit.* 2004, p.48.

(8) *Ibidem*, p.55 e 56.

(9) Carlos Alonso - *Agostinhos em Portugal*. Madrid: Ediciones Religión Y Cultura, 2003, p.45.

(10) Jorge Gonçalves Guimarães, *ob.cit.* 2004, p.73.

(11) Jorge Gonçalves Guimarães - *S. Gonçalo de Lagos: da construção hagiográfica à legitimação do padroeiro*, in *Temas Menezes VII: História das Algaras do poder*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres/Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo "Alexandre Herculano", 2005, p. 91, 92.



# O PATRONO

## UM PERCURSO DE IDENTIDADE

Em 1784, D. Pedro III patrocinou a trasladação das relíquias de S. Gonçalo para um novo cofre, como agradecimento pela cura de uma chaga. O acontecimento reuniu representantes do clero secular e regular, de Lisboa e de Torres Vedras, a nobreza local e, como representante da coroa, Frei Joaquim Forjaz, que acompanharam em procissão a preciosa caixa das relíquias.

Em Lagos, as festas em honra do seu Santo aconteceram anualmente até 1834. Torres Vedras comemorava o seu Santo a 16 e 17 de Novembro. Nos rituais litúrgicos era também incluída uma saída processional que deslocava pela vila a imagem de S. Gonçalo.

O advento do liberalismo e a subsequente actividade legislativa afectou estes festejos, no entanto, a devoção manteve-se.

No ano de 1844, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Francisco II, correspondendo ao desejo do povo de Lagos, autorizou a concessão de uma relíquia de S. Gonçalo para enviar a Roma, a fim de integrar o Santuário Pontifício. No ano seguinte, a Irmandade dos Passos, sediada no Convento de Torres Vedras, realizou a abertura do cofre-relicário com a solenidade requerida, seguida por procissão.

Já no século XX, em 1926, o *Padroeiro* S. Gonçalo foi festejado pelos torrienses paralelamente com uma feira/exposição de índole económica.

Na década de 40, Lagos foi palco de vários actos que pretendiam avivar o culto gonçalino: estudos e artigos publicados no *Jornal de Lagos*; acções da Juventude Católica Militar com vista à formação moral e patriótica de jovens soldados; palestras; celebrações religiosas e evocativas, como a recuperação de um nicho e capela do santo lacobrigense; e a criação da Confraria de S. Gonçalo dos Pescadores de Lagos que há muito o consideravam seu Patrono.

A vila de Torres Vedras não foi testemunha do mesmo empenho comemorativo.

No jornal *Badafadas*, ainda nos anos cinquenta, surgiram várias propostas a incentivar o restabelecimento do culto e das festas em honra do santo padroeiro.

Em Lagos, a Liga de Amigos de S. Gonçalo de Lagos organizou novas festividades para continuidade do culto, em 1955. Estas realizações, tornadas anuais, passaram a contar com representantes de diversas instituições, civis e militares.

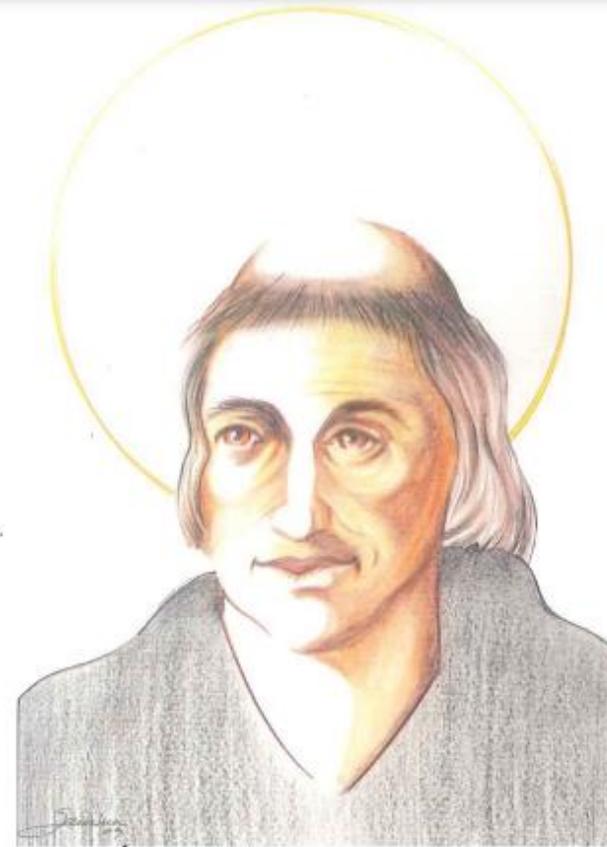
O interesse intelectual pelo ilustre agostinho articulado com uma política nacionalista de exaltação dos valores, dos heróis e dos santos promoveu o I Congresso Gonçalino, em Lagos, nos dias 2 e 3 de Setembro de 1961. Congregados os representantes políticos e religiosos com os estudiosos da personagem histórica, resultaram diversas propostas: a criação de um feriado municipal a 27 de Outubro; a realização, conjuntamente com Torres Vedras, de seminários sobre S. Gonçalo; edificação de um monumento evocativo do famoso frade; criação de um espaço alusivo no Museu Regional e até a restauração da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho em Portugal.

Em 1963, as ideias do congresso ganhavam forma com o Grupo de Estudos Gonçalinos e Expansão do Culto de S. Gonçalo de Lagos, tendo sido publicados, em dois boletins, pequenos artigos nos dois anos seguintes.

Entretanto, Torres Vedras centrava os festejos do Santo no âmbito religioso. Os defensores da articulação dessas celebrações com as festas anuais da vila viram os seus esforços logrados, sobretudo, quando em 1977 foi decidido que o feriado municipal passava para 11 de Novembro, dia de S. Martinho, numa clara valorização da actividade económica vinícola de referência na região.

A partir dos anos oitenta verifica-se a procura de identificação local com S. Gonçalo, dignificando a personagem como agente e testemunha do património histórico e religioso.

No ano de 2006, as festas da cidade ocorreram entre 27 de Outubro, segundo a liturgia dia de S. Gonçalo, e 11 de Novembro, pretendendo-se,



desta forma, conciliar o presente vitivinícola com a memória da figura da história local.

Em 2009, foram assinados protocolos de gemação entre as duas cidades: a 4 de Julho em Torres Vedras e a 25 de Julho em Lagos.

Em 1986, a Escola Preparatória nº 2 de Torres Vedras propôs à Câmara Municipal a mudança de designação, dando seguimento ao disposto no Decreto-Lei nº 93/86, de 10 de Maio. A Câmara, por deliberação unânime, deu parecer favorável à proposta do nome de S. Gonçalo, em 13 de Outubro de 1986. A preferência da escola foi justificada pela proeminência do Patrono da cidade no campo das "letras" e das "artes".

O Ministério da Educação e Cultura oficializou a mudança de designação da Escola para Escola Preparatória de S. Gonçalo, em 2 de Abril de 1987 (data da publicação no *Diário da República*, Portaria nº 261/87).

No ano de 1993, a 11 de Junho, a Escola Preparatória passou a Escola do 2º e 3º ciclos de S. Gonçalo. E, em 2002, foi constituído o Agrupamento de Escolas de S. Gonçalo.

Actualmente, o dia 27 de Outubro - Dia de S. Gonçalo - continua a mobilizar toda a comunidade escolar com actividades que celebram a sua Identidade.

Da Idade Média aos nossos dias, S. Gonçalo continua a ser a *prova* de que a Eternidade se atinge no Presente.



**354** Nasce Agostinho em Tagaste, antiga Numídia (território que integrava o império romano e que corresponde actualmente à Argélia e Tunísia). Parte da sua vida e a sua morte terão acontecido em Hipona.

**387** Agostinho, após anos de inquietação, converte-se à fé cristã, religião de sua mãe (Mónica, santificada pela Igreja). Em Tagaste, terá organizado uma comunidade monástica que, sem ser uma ordem religiosa, possuía um conjunto de normas e seguia os seus princípios doutrinários, especialmente a Carta CXXI.

**395** Assume o bispado de Hipona, na cidade numídia com o mesmo nome, que se tornará também o seu patronímio.

**430** Morre Agostinho de Hipona. A sua actividade pastoral e os seus pensamentos tornaram-no num grande teólogo e filósofo. Obras como "Confissões" e "A Cidade de Deus" marcam a história da religião e a filosofia ao longo dos tempos. Por isso, foi considerado santo.

## SÉCULOS XI E XII

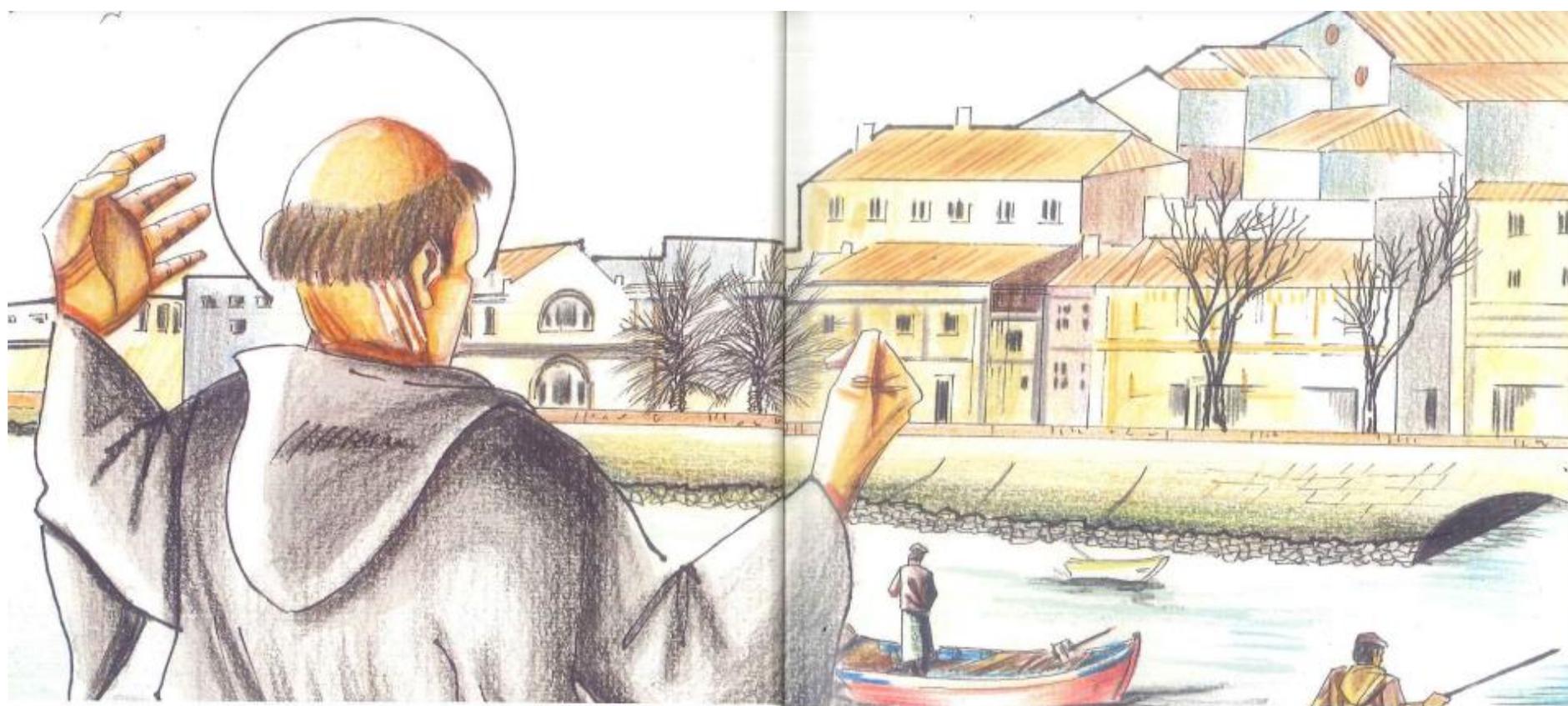
A "Regra de Santo Agostinho" passa a ser seguida por várias comunidades de religiosos e muitos eremitas trocam a solidão individual por essas irmandades.

**II34** A Regra terá sido divulgada pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em alguns conventos do norte do território portuealense (1).

**C. I234** Lisboa é escolhida para assento dos Agostinhos. Inicialmente terá sido um pequeno eremitério no sítio de Nossa Senhora do Monte, onde se dizia ter estado a cadeira de S.Gens, bispo da cidade de Lisboa. As instalações foram aumentadas "convento maior e uma cerca e (...) uma igreja (...) que dedicou a Santo Agostinho" (2). O convento tomou a designação de S.Gens. Pretendendo uma maior aproximação à população os Irades ter-se-ão mudado em 1271 para a zona, então designada pelo topónimo árabe Almoçala.

**I243** O Papa Inocêncio IV na bula "Incumbit Nobis" apela à união das diversas comunidades de religiosos, da área italiana da Toscana, numa só ordem religiosa seguindo a Regra de Santo Agostinho. As outras regiões da Europa possuiriam igualmente eremitérios isolados.

**I244** Os eremitas unem-se em Roma e constituem a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho ou Agostinhos. Estes monges envergam hábitos pretos, apertados com uma correia de couro, mantendo a semelhança com os primeiros seguidores de Santo Agostinho.



**I256** O Papa Alexandre IV emite a bula "Licet Ecclesiae Catholicae" agregando várias famílias eremíticas à nova Ordem dos Agostinhos. Esta "Grande União", como ficou conhecida, reunia assim esses religiosos em quatro províncias: Itália, França/Inglaterra, Alemanha e Espanha. Estas integravam vários distritos, sendo Portugal um deles, inserido na Espanha (3).

**I266** D. Afonso III autoriza a construção em Torres Vedras de um convento da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, segundo Alvará feito em Santarém a 24 de Dezembro (4). Não restam dúvidas quanto à decisão real, comprovada no documento indicado, no entanto não se confirma a construção imediata do edifício. As razões podem ser várias, de ordem política e religiosa: problemas entre o rei e o clero; a existência do convento de Penaferme, da mesma ordem, que terá suscitado indecisões quanto a uma possível transferência para Torres Vedras; e as vicissitudes inerentes ao processo de unificação da Ordem. Assim, a construção do convento teve apenas início no reinado de D. Pedro I.

**I274** No segundo concílio de Lido os Eremitas de Santo Agostinho são integrados nas ordens consideradas mendicantes.

**I302** D. Dinís protege o Convento dos Eremitas de Santo Agostinho, em Lisboa, dando-lhe o nome do respectivo santo (5).

**I340** O superior da ordem, Frei Francisco de Monte Rubiano, decretou que todos os conventos da Ordem de Santo Agostinho a fundar a partir dessa data, e alguns dos já existentes, tomassem a designação de Nossa Senhora da Graça (6). Daí também o nome "Gracianos" atribuído aos frades e a confirmação da importância para estes religiosos do culto mariano.



**I360** Data provável do nascimento de Gonçalo de Lagos, numa família de pescadores dessa localidade.

**I366** A 14 de Março, D. Pedro I concede a licença para a construção do Convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras (7), na Várzea Grande, em frente à Igreja de S. Tiago. As obras terão decorrido lentamente devido às pestes frequentes, logo seguidas por crises económicas e sociais, igualmente agravadas pelas guerras e instabilidade política que marcaram o século XIV, sobretudo no reinado de D. Fernando.

**I378** Início do Cisma do Ocidente. A cristandade ocidental divide-se entre o Papa de Avinhão e o Papa de Roma.

**I380** Gonçalo de Lagos entra para o Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, dos Eremitas de Santo Agostinho.

**I385** D. João, o primeiro, é aclamado rei nas cortes de Coimbra. O seu reinado foi, também ao nível religioso, um período de afirmação de independência face a Castela. O rei português apoiou o papa de Roma enquanto que o monarca castelhano tomou partido pelo pontífice de Avinhão. Estava aberto o caminho para que os Agostinhos Portugueses se separassem da Província de Castela.

**I387** O Prior Geral da Ordem encontra uma solução conciliadora: a criação do vicariato português com as mesmas competências que uma administração provincial. O primeiro vigário Padre Frei João de Torres Vedras seria, como o nome indica, natural da vila torriense (8). Nas décadas seguintes a Ordem de Santo Agostinho aumentará o número de conventos, justificando a necessidade da atribuição do título de Província Portuguesa.

**I394-96** Frei Gonçalo de Lagos é Prior do Convento de S. Lourenço, na Lourinhã.

**I404** Frei Gonçalo de Lagos é Prior do Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa.

**I408** Frei Gonçalo de Lagos é Prior do Convento de Santo Agostinho de Santarém.

**I412** Frei Gonçalo de Lagos é Prior do Convento de Nossa Senhora da Graça de Torres Vedras.

**I417** Fim do Cisma do Ocidente.

**I422** Morte de Frei Gonçalo de Lagos no Convento Graciano de Torres Vedras.



**I476** O Capítulo Geral reunido em Roma terá tomado, finalmente, a decisão da criação da Província Portuguesa (9).

**I492** Trasladação das relíquias de Gonçalo de Lagos para um cofre colocado no espaço mais amplo e digno da capela-mor do convento.

**I495** D. João II terá louvado a Câmara de Torres Vedras pela posse das veneradas relíquias. Na sequência do elogio, o Senado terá eleito o distinto agostinho Padroeiro da Vila.

**I501** O Papa Alexandre VI permite a intervenção do poder temporal dos reis nas ordens religiosas.

**I540** Os Jesuítas chegam a Portugal e com eles uma veneração especial pelas relíquias, culto fortemente implantado em Espanha.

**I544** D. João III doa o hospital de Santo André aos monges gracianos.

**I545-63** Concílio de Trento. A igreja reformada, católica apostólica romana, mantém o apoio eclesial ao culto dos santos, das imagens e das relíquias.

**I551** Alfonso Orozco escreve a *Chronica del glorioso padre y doctor dela yglesia sant. Augustin: y de los sanetos y beatos: y de los doctores de su orde.*

**I569-1630** As medidas adoptadas pelos reformadores Frei Francisco de Villafranca e Frei Luís de Montoya permitiram o " aumento do número de agostinhos ilustres no episcopado, nas universidades e na literatura nacional, à multiplicação do número de conventos e ao papel missionário da Ordem fora das fronteiras de Portugal." (10)

**I557** Frei João de S. José redige a *Corografia do Reyno do Algarve.*

**I569** Frei Jerónimo de Róman escreve a *Chronica de la orden de los Ermitanos del Glorioso Padre Sancto Agostinho.*

**I580** Início da dominação castelhana que remeteu para segundo plano os interesses dos clérigos portugueses. No entanto, as obras do convento e da igreja dos gracianos de Torres Vedras serão terminadas. Os autores dividem-se quanto à data de conclusão, de 1566 até ao fim da centúria.

**I585-88** João de França de Brito terá escrito o primeiro texto hagiográfico sobre S. Gonçalo cujo traslado integra o *Processo da Fama e Santidade Virtudes, e Milagres do Servo de Deos Fr. Gonçalo de Lagos da Ordem de S.to Agostinho* - Arquivo Secreto do Vaticano, Cong. Riti, Processus nº 3335.

**1604** Foi publicada a obra de Frei Aleixo de Menezes *Da Portentosa Vida de São Gonçalo de Lagos da Ordem de Santo Agostinho da Provincia de Portugal*.

**1642** Frei António da Purificação escreve a *Chronologia Mondstica Lusitana*, in qua omnes Santi, & Beati ac etiam venerabilia.

**1656** É publicada a *Chronica da Antiquissima Provincia de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho de Hipponi*, igualmente de Frei António da Purificação.

**1661** O Capitulo geral em Roma eleva a Provincia Portuguesa a Assistên-cia-Geral, num período de restauração da independência nacional.

**1704** Lisboa passa a ter duas filiais da Provincia: o convento da Graça e o convento da Penha de França.

**1746** Decreto de D. João V, usando as boas relações que mantinha com o alto clero para interjerir com o seu poder temporal na reabilitação do prestígio da ordem dos Agostinhos.

**1759-60** Inicia-se o Processo de Canonização de S. Gonçalo.

**1765** Frei Manuel de Figueiredo, contribuindo para a beatificação escreve *Ecco de Santidade... do Beato Gonçalo de Lagos*.

**1778** Frei Pedro de Souza, apresenta, com os mesmos intuitos, o seu *Compêndio da Prodigiosa Vida*. A *Fama de Santidade e o Culto a S. Gonçalo* são aprovados.

**1820-23** As forças revolucionárias liberais iniciaram o processo de secularização monástica, diminuindo os poderes eclesiásticos ao ponto da confiscação dos seus bens, devolvidos, contudo, em 1823 por D. João VI.

**1832-34** Na sequência da guerra civil, o liberalismo vitorioso retoma a intenção de extinguir as ordens religiosas. Em Maio de 1834 é decretado o fim dos conventos e outras instituições pertencentes ao clero regular masculino, com a apropriação dos seus bens.

**1887** A Câmara de Torres Vedras adquiriu o edifício do Convento dos Agostinhos para diversas utilizações municipais.

**1958** O Convento e Igreja da Graça foram classificados como Imóveis de Interesse Público.

**1962-65** No Concílio Vaticano II a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho passa a designar-se Ordem de Santo Agostinho.

**1968** A Autarquia Torriense partilha com o Patriarcado as instalações do Convento Graciano. A coexistência no local das funções religiosas com as funções civis permanece até à actualidade.

**1974** (5 de Janeiro) Regressam a Portugal os Frades Agostinhos, reaparecendo na cidade da Guarda. Posteriormente mudam-se para zonas mais próximas da capital: Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço e Santa Iria da Azóia.

**1991** Os Agostinhos encontram-se em Santa Iria de Azóia, sem terem recuperado a importância de outros tempos.

(1) José Mattoso, *Dois séculos de vicissitudes políticas*. In *História de Portugal: A Monarquia Feudal (1095-1498)*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, vol. 2, p. 84.

(2) Paula Correia da Silva, *O Convento da Graça de Torres Vedras: a comunidade eremítica e o património*. Lisboa: Livro do Dia Editores, 2007. p. 20

(3) Carlos Alonso, *Agostinhos*. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Centro de Estudos e História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa; Círculo de Leitores, 2000, vol. 1, p. 27.

(4) Thomás da Encarnação da Costa e Lima, *História Ecclesiae Lusitanae*. Coimbra: ex praesio Academiae Litterariae, 1763, tomo 4, cap. 6, p. 221-223.

(5) Paula Correia da Silva, *ob. cit.* p.20.

(6) Jorge Gonçalves Guimarães, *São Gonçalo de Lagos: Hagiografia, Culto e Memória: Séc. XVI/XVII*. Torres Vedras: Câmara Municipal, 2004, p.56.

(7) *Chancelarias Portuguesas: D. Pedro I (1367-1367)*. Edição A.H. de Oliveira Marques. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984, p. 508-509.

(8) Paula Correia da Silva, *ob. cit.* p.22.

(9) Carlos Alonso, *Os Agostinhos em Portugal*. Madrid: Ediciones Religión y Cultura, 2003, p. 45.

(10) Paula Correia da Silva, *ob. cit.* p.25

